

Povos indígenas ameaçados

A fronteira agrícola chega às portas do Parque do Xingu e de outras terras pertencentes aos índios, poluindo as águas dos rios e ameaçando sua subsistência.

FOTO: TATIANA CARDEAL



Mulheres do Xingu realizam ritual no Festival Indígena de Bertioga (SP)

O agravamento do efeito estufa e as conseqüências climáticas mais óbvias relacionadas à supressão das matas não são as únicas preocupações que remetem ao avanço da soja. Em áreas de expansão da fronteira agrícola, povos indígenas, comunidades tradicionais e assentados também acusam prejuízos advindos da recente convivência com o grão. O Parque Indígena do Xingu – localizado no Nordeste do Mato Grosso, onde moram cerca de cinco mil índios de 14 etnias – é um exemplo.

Dos 19 municípios apontados pelo governo federal como principais focos de desmate naquele estado, seis se localizam em áreas parcialmente integradas à área de proteção. No entorno sul do parque, a cultura sojeira é a principal atividade econômica. O impacto hidrológico causado pela atividade é uma das principais preocupações dos índios xinguanos. A demarcação, ocorrida em 1961, deixou de fora as nascentes dos principais afluentes do rio Xingu. É na calha deste rio e de seus formadores que a maior parte das aldeias está assentada.

Devido ao corte da mata ciliar, que barra o depósito de sedimentos trazidos pela chuva, o assoreamento desses afluentes é hoje um problema evidente. Como a cultura sojeira demanda intensa utilização de agrotóxicos, cresceu a apreensão quanto à contaminação das águas que chegam ao território indígena, uma situação ainda carente de estudos conclusivos. Rios mais escuros, episódios de mortandade de peixes e dificulda-

des crescentes para a pesca são alguns dos efeitos sentidos pelos índios. O peixe é alimento imprescindível para a dieta das populações dentro do Parque.

Campanha de proteção

A seriedade das ameaças impulsionou a criação de uma articulação entre diversos setores para proteger o rio Xingu e suas cabeceiras. Executada por ambientalistas, agentes municipais, produtores, indígenas e assentados, entre outros, a Campanha Y Ikatu Xingu desenvolve, desde outubro de 2004, ações que incluem parcerias pioneiras com fazendeiros de soja para a recuperação das matas ciliares dentro de suas propriedades. A difusão de práticas agrícolas menos danosas ao meio – como, por exemplo, o plantio direto, que diminui a erosão do solo – é outro dos objetivos da campanha. Apoiador da iniciativa, o Grupo André Maggi é o único participante entre as grandes empresas do chamado Complexo Soja.

Na Terra Indígena Pimentel Barbosa, distante 100 km do Parque Indígena do Xingu – área de transição do cerrado para a floresta amazônica, onde vivem cerca de dois mil índios xavantes –, a situação da fauna é uma das principais preocupações. Os xavantes são caçadores e, devido à diminuição das matas nativas, cresceu nos anos 1990 uma percepção de rareamento das espécies de maior porte. Além de base protéica da alimentação, a carne de espécies como queixada, veado e tamanduá é com-

ponente central de cerimônias inerentes à cultura do povo, incluindo as celebrações de casamentos.

Novas fronteiras

Para além das terras mato-grossenses, outras regiões fronteiriças – ou internas – ao bioma amazônico também fazem parte da rota atual de ocupação do grão. No Tocantins, durante a safra de 2006/2007, plantou-se soja em 12 municípios total ou parcialmente inseridos no bioma amazônico, englobando um perímetro de cerca de 32,5 mil hectares – que correspondem a 0,15% da lavoura nacional do grão. Já nos campos de Roraima, iniciou-se, em 2004, projetos ainda incipientes de produção sojeira. Em municípios paraenses próximos ao Mato Grosso, como Redenção e Santana do Araguaia, o grão também já está presente.

Cortado pela BR-364, rota de escoamento da soja de através do rio Madeira, em Porto Velho (RO), Rondônia viu crescer em dez vezes sua produção de soja nos últimos dez anos, atingindo 90 mil hectares plantados em 2007 – maior área, segundo o IBGE, entre os estados do Norte. Do rio a soja chega a estruturas portuárias no Amazonas, de onde vai para o Oceano Atlântico. Esta mesma rota impulsiona a presença incipiente do grão em alguns municípios no Sul amazonense. Há locais onde inclusive já surgem queixas de comunidades indígenas relativas à suposta contaminação de igarapés por agrotóxicos.